

Revisitando o conceito de “contexto de produção” em duas obras do Interacionismo Sociodiscursivo

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i3.3341>

Thiago Jorge Ferreira Santos¹

Resumo

Este artigo objetiva analisar as bases do conceito de “contexto de produção” na teoria do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) à luz dos marxistas e estudiosos da linguagem russos Valentin Volóchinov e Pável Medviédev, cotejando-o particularmente com a noção de “meio ideológico” proposta por eles no quadro da ciência das ideologias. Frequentemente, esses dois conceitos são abordados indiscriminadamente. Para isso, visitaremos duas obras do ISD, nas quais é apresentado o modelo de análise textual/discursiva da teoria, quais sejam, “O funcionamento dos discursos: um modelo psicológico e um método de análise” (1985) e “Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo” (1997). Os resultados mostram que, na obra de 1997, diferentemente do livro de 1985, o conceito de “contexto de produção” no ISD é embasado na teoria do agir comunicativo de Habermas, filósofo revisionista de Marx, sobretudo do sentido político da “luta de classes” do marxismo, que é a base da concepção ideológica de Volóchinov e Medviédev.

Palavras-chave: contexto de produção; interacionismo sociodiscursivo; meio ideológico.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil; thiagojorgefs@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-8857-1486>

Revisiting the concept of “context of production” in two works of socio-discursive interactionism

Abstract

This article aims to analyze the basis of the concept of “context of production” in the theory of Socio-discursive Interactionism (ISD) in the light of Russian Marxists and language scholars Valentin Volóchinov and Pável Medviédev, comparing it particularly with the notion of “ideological milieu” proposed by them within the framework of the science of ideologies. Often these two concepts are approached indiscriminately. For this, we will visit two works of the ISD, in which it is presented the model of textual/discursive analysis of the theory, namely, “The functioning of discourses: A psychological model and a method of analysis” (1985) and “Language activity, texts and speeches: for a socio-discursive interactionism” (1997). The results show that, in the work of 1997, unlike the 1985 book, the concept of “context of production” in the ISD is based on the theory of communicative action of Habermas, Marx’s revisionist philosopher, especially the political sense of the “class struggle” of Marxism, which is the basis of the ideological conception of Volóchinov and Medviédev.

Keywords: context of production; socio-discursive interactionism; ideological milieu.

O tsar falou que era pela liberdade e pela libertação do jugo, os mencheviques falaram que era pela liberdade e pela libertação do jugo, agora os bolcheviques falam o mesmo. Todos falam, como vamos entender?! (LÊNIN, 2020 [1919], p. 31).

Introdução

A epígrafe acima é parte de um discurso proferido por Lênin, no I Congresso de Educação Extraescolar de toda Rússia, realizado em Moscou, em 1919. Lênin reproduziu a fala comum de diversos camponeses russos. Para o teórico marxista, a maioria da população russa à época (depois da Revolução de 1917), composta de camponeses analfabetos, deveria ser instruída educacionalmente se quisesse uma verdadeira mudança social. Os camponeses deveriam aprender a alfabetização política elementar para compreender os discursos ideológicos das classes sociais. A formação, para Lênin, deveria ser adjeta ao nível da linguagem.

Aspirando à compreensão de um texto/discurso, o conceito de contexto de produção, que já foi discutido por diversas correntes no âmbito das teorias do texto e discurso, torna-se relevante, na medida em que conhecer quem são os interlocutores, suas identidades e seus valores para a compreensão textual-discursiva é ponto consensual nas perspectivas

interacionistas, funcionalistas, entre outras. Não é o objetivo desta contribuição abarcar como as teorias definiram o conceito de “contexto de produção”, pois outros trabalhos com esse fim já foram propostos, por exemplo, em Van Dijk (2012) e Guimarães (2014).

No âmbito da teoria do Interacionismo Sociodiscursivo, com a qual desenvolvemos nossas pesquisas, o conceito de “contexto de produção” porta filigranas teóricas. Em algumas obras que reuniram pesquisas do ISD, é possível encontrar trabalhos que se voltaram para a noção de “contexto de produção”. Em Guimarães, Machado e Coutinho (2007), o capítulo de Vasconcelos (2007) examinou a importância do contexto de produção para a compreensão do trabalho real do professor. A autora parte da ideia de signo ideológico, segundo Volóchinov, e afirma que “um estudo a respeito do contexto de produção do discurso não pode deixar de considerar a dimensão ideológica da linguagem [...]” (Ibidem, p. 168). Em seguida, explica que o contexto de produção do ISD advém da perspectiva ideológica da linguagem de Volóchinov (Ibidem, p. 169).

Em Bueno, Lopes e Cristovão (2013), o capítulo de Cristovão (2013) propõe o conceito de capacidade de significação dentro do quadro do ISD, atrelando-o à análise do contexto de produção. Cristovão (2013, p. 360) embasa sua proposta nos trabalhos de Volóchinov, a fim de defender a ideia de que as atividades didáticas baseadas em gêneros textuais precisam aprofundar as relações entre as informações de um texto com a produção de significação, possibilitando uma efetiva reflexão sobre “a ideologia(s) subjacente(s) e as relações de poder.” (Ibidem, p. 374).

Os dois trabalhos citados, no âmbito do ISD, apontam algumas lacunas para novos estudos: i) analisar as raízes teóricas do contexto de produção do ISD, cotejando-o com a proposta teórica de Volóchinov e Medviédev; ii) discutir teoricamente na seara do ISD as possibilidades de uma análise ideológica dos textos. Esses são os dois objetivos deste artigo. Não é objetivo neste texto discutir todo arcabouço conceitual desenvolvido por Volóchinov, Medviédev, Habermas e Bronckart, o que evidentemente exigiria considerações que extrapolam o formato de um artigo científico.

Com essas metas, retornaremos aos escritos de Volóchinov e Medviédev, a fim de compreender a noção de “ideologia”, conforme esses intelectuais russos e, por conseguinte, a categoria de “meio ideológico”. Essa categoria muitas vezes é confundida com o “contexto de produção”. Em seguida, percorreremos duas obras do ISD de autoria do Prof. Dr. Jean-Paul Bronckart e colaboradores, “O funcionamento dos discursos: um modelo psicológico e um método de análise”², publicada em 1985³ e “Atividade

2 Doravante FdD.

3 Em colaboração com Daniel Emile Bain, Bernard Schneuwly e Coline Davaud.

de linguagem, textos e discursos: por um Interacionismo Sociodiscursivo⁴, de 1997, nas quais é apresentado o modelo de análise textual/discursiva. A primeira não tem tradução para a língua portuguesa e é menos citada em solo brasileiro, já a segunda foi traduzida para o nosso vernáculo, em 1999, por Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. Enfocaremos as definições do conceito de “contexto de produção” nos dois livros mencionados. Finalmente, proporemos uma análise de acordo com os pesquisadores russos e com filósofo Jürgen Habermas, revisionista da teoria marxista, e cuja noção de agir comunicacional está na base do conceito de “contexto de produção” do ISD, como buscaremos evidenciar.

Ideologia e meio ideológico em Valentin Volóchinov e Pável N. Medviédev

Os principais trabalhos de Volóchinov e Medviédev foram gestados principalmente no contexto posterior à Revolução Russa (1917), período de grande efervescência política e intelectual marcado pelo pensamento marxista. Nos institutos e centros universitários, era imperioso assumir a postura metodológica marxista, para o desenvolvimento das atividades pedagógicas e científicas (GRILLO; AMÉRICO, 2017). Seja na psicologia, com os experimentos científicos de grupos como o de Vigotski, seja nos estudos da linguagem (língua e literatura), no qual se inserem Volóchinov e Medviédev, a tarefa era construir uma sociedade emancipada pela formação educacional.

No campo dos estudos linguísticos e literários, uma noção assumida por Volóchinov e Medviédev para avançar em seus estudos é a de ideologia, que foi absorvida por eles através dos pensadores russos marxistas, como Plekhánov, Lênin e Bukhárin, assim como deslindado nas pesquisas de Tytkowski (2012, p. 39-70) e Costa (2017, p. 57-78). Os teóricos marxistas soviéticos da primeira metade do séc. XX agregaram ao conceito de ideologia de Marx o atributo de “ideologia de classe”, isto é, definiram a ideologia como sistema de opiniões, de ideias e de conceitos acordados por uma classe social. Em uma sociedade de classes, a ideologia é uma ideologia de classe. Ela expressa e defende os interesses de uma ou outra classe em luta (TCHOUGOUNNIKOV, 2008).

Especificamente, a ideologia como visão de mundo de uma classe social advém, sobretudo, dos trabalhos de Lênin (TYLKOWSKI, 2012, p. 42; COSTA, 2017, p. 63-65). Em vários textos de Lênin, sejam anteriores ou posteriores à Revolução de 1917, a ideia de luta de classes era acentuada como objetivo político pós-revolucionário: “A luta de classes é inevitável. Ou se deve renunciar à revolução em geral, ou se deve reconhecer que a luta contra a classe possuidora será a mais dura de todas as revoluções.” (LÊNIN, 2020 [1919], p. 56).

4 Doravante ATD.

O conceito de ideologia era nevrálgico para as aspirações de Volóchinov e Medviédev na metodização da ciência das ideologias. Nessa construção teórico-metodológica, a consciência individual é um fato social e ideológico que se orienta na realidade objetiva dos signos sociais (VOLÓCHINOV, 2010 [1929], p. 137).

A palavra e os objetos para os dois intelectuais são dotados de valores e avaliações da classe social que os utiliza, tal como exemplificado por Volóchinov (2019c [1930], p. 311-312), quando cita o pão e o vinho, dois objetos de consumo que, no rito da comunhão eucarística, adquirem um valor de símbolos religiosos pela comunidade cristã. Nesse caso, os objetos adquiriram uma significação que extrapola os limites da sua existência singular como objetos da natureza ou de uma determinada finalidade, como de produção ou consumo, e passam a ser signos ideológicos de determinado grupo social.

Ao ganhar uma significação, o objeto se torna um “signo ideológico”. O signo é a realidade material da ideologia. Os objetos que chamam a atenção da sociedade entram no mundo da ideologia, se formam e se fixam nele, tornando-se signos ideológicos ao adquirirem uma ênfase social (VOLÓCHINOV, 2010 [1929], p. 161). Assim, não existe enunciado não-ideológico, neutro e isento de posição axiológica. A dimensão avaliativa que os signos ideológicos possuem permite a sua “pluriacentuação” (idem). De acordo com Volóchinov (2019c [1930], p. 320), “A classe dominante aspira dar ao signo ideológico um caráter eterno, acima das classes, apagar ou encurralar a luta de classes que ocorrem no seu interior, fazer dele a expressão de apenas um olhar firme e imutável.”.

Sobre a ideia de signo ideológico enquanto dotado de uma significação compartilhada por certa coletividade, Sériot (2010, p. 64, tradução nossa⁵) explica que:

Vê-se que a ideologia para Vološinov não tem nada a ver com a ideia de “assujeitamento” de Althusser ou Gramsci; não é nem uma consciência falsa, nem um sistema de ideias. É, ao mesmo tempo, todo o significado, todo o conteúdo de pensamento enquanto eles são coletivos, conjunto não de ideias, mas de sinais que formam o conteúdo da consciência.

Desse modo, o sujeito não é solapado pelo subjetivismo idealista, pois sua singularidade é aquela do grupo social ao qual pertence. Em Volóchinov, o indivíduo não tem nenhuma existência fora de um grupo social, este sendo definido como homogêneo, podendo ser heterogêneo senão quando em contato com outro grupo (SÉRIOT, 2010). Para explicar o caráter social do signo ideológico, Volóchinov (2019a [1926], p. 120-121) propõe a noção

5 No original: “On voit que l’idéologie pour Vološinov n’a rien à voir avec l’idée d’assujettissement d’Althusser ou Gramsci; elle n’est ni une conscience fautive ni même un système d’idées. C’est à la fois toute signification, tout contenu de pensée en tant qu’ils sont collectifs, ensemble non d’idées mais de signes qui forment le contenu de la conscience.”.

de “entimema” (o subentendido), recuperado da lógica aristotélica, a fim de mostrar que os membros de um mesmo grupo social compartilham uma “senha” conhecida apenas por aqueles que pertencem ao mesmo horizonte social. Assim, existe o “subentendido” da família, de uma nação ou de uma época inteira (idem).

Cada grupo social cria para si um meio ideológico orgânico, uma vez que seus membros partilham os mesmos valores e acentuações dos signos ideológicos (SÉRIOT, 2010, p. 67). O conceito de “meio ideológico” foi desenvolvido inteligivelmente por Medviédev (2012 [1928]) como categoria do método sociológico em estudos literários em construção por ele e Volóchinov. O homem social, isto é, o homem que pertence a um grupo social, está rodeado de signos ideológicos, tanto aqueles partilhados com a sua coletividade, quanto aqueles valorados por outros grupos sociais. Assim, o meio ideológico é o meio da consciência de uma dada coletividade com o auxílio do qual os grupos se orientam (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 56-57).

No meio ideológico de uma nação, em uma sociedade dividida em classes, no sentido marxista, os grupos sociais estão em críspação uns com os outros nas várias esferas de atividade, como a econômica, política, religiosa, científica, etc. Conforme explica Volóchinov (2019c [1930], p. 315, grifo do autor):

[...] a verdadeira realidade, na qual vive um homem de verdade, é a *história*, o mar sempre agitado da *luta de classes*, que não conhece a tranquilidade nem a paz. A palavra que reflete essa história não pode deixar de refletir as suas contradições, o seu movimento dialético, a sua “constituição”.

“A palavra é o meio ideológico refratante mais fino, flexível e ao mesmo tempo o mais fiel.” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 333). Por estar em um meio ideológico que todo discurso se torna dialógico, na medida em que é orientado socialmente tanto para a realidade ideológica no interior do mesmo grupo, quanto em direção à realidade beligerante dos grupos sociais. Em um caso ou outro, para Volóchinov (2019b [1930], p. 280), essa orientação social pressupõe inevitavelmente a consideração da interrelação socio-hierárquica que existe entre os interlocutores (auditório), que sempre estará presente em qualquer discurso.

A análise da interrelação socio-hierárquica, para Volóchinov (2019b [1930], p. 282-286), compõe uma *parte extraverbal* para a compreensão concreta do discurso. A parte extraverbal é composta também pelo espaço e tempo do acontecimento do enunciado (o “onde” e o “quando”), o objeto ou tema do enunciado (“sobre o quê” se fala). Ao examinar esses aspectos, constrói-se a *situação* concreta da interação. Para o linguista russo, em conclusão, nenhum enunciado (científico, filosófico, literário, etc.) pode existir sem um certo grau de análise do meio ideológico e da situação concreta.

As duas obras analisadas: FdD e ATD

Em suas pesquisas, Bronckart aderiu, desde a década de 1970, à abordagem interacionista de Vigotski, inicialmente inspirado pelos trabalhos de Alexis Leontiev e Alexander Luria. As duas obras em questão, calcadas na abordagem interacionista, foram produzidas por Jean-Paul Bronckart como pesquisador na Universidade de Genebra. Nesse contexto universitário, o autor investiu em um amplo trabalho teórico e empírico, que teve por objetivo fornecer um modelo da estrutura e do funcionamento dos textos/discursos do francês contemporâneo. Com base na análise de milhares de trechos de textos, esse trabalho o levou à elaboração de uma grande análise que permite detectar e quantificar as unidades e estruturas próprias aos tipos de textos, e a um primeiro modelo, publicado em “O funcionamento dos discursos: um modelo psicológico e um método de análise” (1985). Esse tipo de pesquisa prosseguiu com um trabalho comparativo, com a aplicação do mesmo método de análise a outras línguas (alemão, basco, catalão, castelhano, italiano e português). Posteriormente, o modelo foi objeto de uma formulação na obra *Atividade de linguagem textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo* (1997), traduzida por Anna Rachel Machado e Péricles Cunha para o português, em 1999.

A obra FdD foi publicada em um momento de proeminência e revisionismo da linguística gerativista formulada teoricamente por Noam Chomsky. Essa formulação teórica justifica a estrutura das línguas com base em pressupostos inatistas (biológicos) com acento secundário na sua realidade interacional, pois o interesse recai em construir um modelo das estruturas cerebrais – a gramática universal – das quais se deduziriam as gramáticas das línguas humanas (FARACO, 2005, p. 85). A linguística gerativista representou summa ruptura com a linguística como era praticada até então, de forma hegemônica, nas universidades norte-americanas e que se caracterizava por investigações essencialmente descritivas, comprometidas, portanto, com uma concepção mais empiricista de fazer ciência (metodizada na generalização indutiva) (Ibidem, p. 164).

Em publicações da década de 1990, averigua-se uma aproximação evidente de Bronckart da Filosofia Analítica (especialmente Wittgenstein⁶), da Semântica da Ação (Anscombe, von Wright, Ricœur) e da Pragmática (Jürgen Habermas). Por exemplo, no artigo “El discurso como acción. Por un nuevo paradigma psicolinguístico” (1992), o objetivo era discutir a necessidade de desenvolver no campo da psicologia uma teoria da ação humana em seu marco social e histórico e, paralelamente, no campo da psicolinguística, uma teoria do discurso como produção semiótica articulada à ação com sentido. Para isso, a teoria do agir comunicacional de Habermas foi preponderante e, por consequência, também relevante para a construção do conceito de “contexto de produção” do ISD, como vemos na passagem “la definición del contexto de una acción está compuesta por los tres mundos postulados por Habermas.” (BRONCKART, 1992, p. 35).

6 Particularmente a segunda fase do pensamento wittgensteiniano, caracterizado pela obra *Investigações Filosóficas*.

A obra ATD busca atingir dois objetivos que se inter-relacionam: por um lado, propor uma versão nova da arquitetura textual e das operações (psico-linguageiras) que subjazem aos diferentes componentes dessa arquitetura e, por outro, no Capítulo 1, buscou-se propor o quadro, os conceitos e os questionamentos de uma teoria sobre o desenvolvimento humano: a teoria do Interacionismo Sociodiscursivo.

Na primeira década deste século, iniciou-se um grande investimento do ISD sobre os trabalhos de Volóchinov e Medviédev, como verificado em publicações, como Bronckart (2009) e colaboradores (BOTA, 2008), com a finalidade de evidenciar uma possível aproximação de Volóchinov ao paradigma do interacionismo social.

O conceito de “contexto de produção” em FdD (1985)

Bronckart *et al.* (1985, p. 10) se posicionam em outro polo investigativo àquele da linguística gerativista, especificamente no interacionismo social de Lev Vigotski e seu grupo (Alexis Leontiev e Alexander Luria), desenvolvido fortemente no contexto russo das primeiras décadas do séc. XX. Assumindo esse eixo epistemológico, o pesquisador genebrino aduz a relevância do contexto para a compreensão do funcionamento discursivo, enfatizando o papel das interações sociais na compreensão dos efeitos da linguagem.

Bronckart *et al.* (Ibidem, p. 25) destacam a fluidez do conceito de “contexto” sobre o qual são feitas diversas definições com pouca delimitação acerca do espaço analítico que essa ideia possa alcançar. Para o autor, mesmo que muitas abordagens teóricas, como a linguística francesa de Benveniste, tenham estabelecido planos de análises para a compreensão dos elementos linguísticos (artigos, pronomes e verbos), a teorização sobre os parâmetros de análise contextual no arcabouço do “aparelho formal da enunciação” ficou a ser desenvolvida.

O autor refuta, também, a ideia de “contextualismo”, segundo a qual o contexto é um conceito que abarca o “mundo”, platitude em que não há parametrização. Diante desse panorama, Bronckart *et al.* traçam um diagnóstico geral da ideia de contexto, destacando duas tendências: abordagens que propõem parâmetros contextuais, porém não os cotejam com o funcionamento do discurso, e perspectivas que definem o contexto de forma generalizante ou incipiente (Ibidem, p. 26).

Bronckart *et al.* propõem algumas definições para explicar o seu conceito de “contexto”. A primeira é a noção de “extralinguagem”. Trata-se de todas as entidades mundanas alocadas fora da língua, as quais são articuladas às atividades de linguagem (Ibidem, p. 26-27). A explicação de atividade de linguagem será desenrolada na primeira parte de ATD à esteira da teoria do agir comunicacional de Jürgen Habermas.

Em FdD, Bronckart *et al.* (idem) atilam que a extralinguagem comporta uma pertinência referencial e uma pertinência contextual, ambas criadas pela atividade de linguagem. A pertinência referencial se faz perceber pelo espaço referencial, isto é, o conteúdo representado da atividade de linguagem, àquilo ao qual ela faz referência. É o lugar dos “conteúdos do pensamento”, as representações psicológicas que o ser humano pode construir, dotadas de traços universais-cognitivos e traços histórico-culturais.

A pertinência contextual se faz perceber pelo espaço contextual, isto é, a capacidade de controlar ou gerenciar o desenvolvimento da atividade de linguagem, conforme os subconjuntos de entidades psíquicas e sociais. O “espaço contextual” pode ser compreendido pelo “espaço do ato de produção”, que é o lugar do ato de produção do ponto de vista dos parâmetros materiais (físicos), e o “espaço da interação social”, definido pelos parâmetros “psicossocioculturais” (Ibidem, p. 30-31). Segundo Bronckart *et al.* (Ibidem, p. 33) um modelo de análise discursivo “efetivamente interacionista” não se satisfaz em arrolar parâmetros generalistas, porém é preciso erigir hipóteses sobre as variações desses parâmetros nas unidades linguísticas.

No “espaço do ato de produção”, delimitam-se as características materiais, físicas, da atividade verbal. Os parâmetros desse espaço são: i) o *produtor*: instância física humana ou máquina da qual a atividade emana; ii) os *interlocutores*: instância física humana fisicamente presente na interação e que a ela responde; iii) *espaço-tempo*: lugar físico geográfico, e tempo cronológico convencional (Ibidem, p. 30).

O último espaço descrito é o da “interação social”. Se no “espaço do ato de produção” analisa-se o aspecto físico do sujeito envolvido na atividade de linguagem, o espaço da interação social é responsável por examinar os aspectos do meio social, como veremos abaixo (Ibidem, p. 32-33, grifo nosso). Interdependentes, os parâmetros desse espaço são:

i) *lugar social*: designa os diferentes tipos de instituições e de *aparelhos ideológicos* da sociedade (econômicos e comerciais, político, literário, acadêmico-científico, de saúde, de justiça e policial, escolar, familiar, midiático, práticas cotidianas), que são as zonas de “cooperação social” dos sujeitos das quais eles pertencem e se expressam;

ii) *destinatário*: é a fonte da atividade languageira, produtor de uma representação social;

iii) *enunciador*: instância social de onde emanam as condutas verbais; de forma similar ao destinatário o enunciador é produto de uma representação social, logo ele não é concebido como a instância principal da interação;

iv) *objetivo*: efeito específico que se pretende produzir sobre o destinatário, visando a modificação do interlocutor em certa direção, por meio de “intenções comunicativas” (informar, clarificar, ativar, criar um contato).

Bronckart *et al.* explicam que, na relação entre o enunciador e o destinatário (ambos representações sociais na interação), os valores hierárquicos entre eles podem ser equivalentes (ocupam a mesma posição hierárquica) ou desequilibrados (um pode ser superior ao outro) (Ibidem, p. 34). Bronckart *et al.* (idem) simbolizam essas possibilidades por N (relação neutra), D+ (destinatário em posição dominante) e D- (enunciador em posição dominante).

Os parâmetros apresentados pelo pesquisador genebrino, juntos, compõe uma das três operações de linguagem propostas para abarcar as articulações entre os textos e os contextos: a operação de contextualização (Ibidem, p. 38).

O conceito de “contexto de produção” em ATD (1997)

Em pouco mais de uma década, Bronckart publica a segunda obra na qual encontramos definições dos parâmetros do contexto de produção. ATD é dividido em duas partes: “Os textos como produções sociais” (três capítulos) e “A arquitetura interna dos textos” (seis capítulos). Na primeira, o autor propõe uma articulação teórica em que reafirma e aprofunda as implicações conceituais da adoção do interacionismo social vigotskiano no interacionismo sociodiscursivo.

Na primeira parte, define-se primeiramente a noção de “atividade”, conforme Leontiev, que “designa as organizações funcionais de comportamentos dos organismos vivos, através das quais eles têm acesso ao meio ambiente e podem construir elementos de representação interna (ou de conhecimento) sobre esse mesmo ambiente.” (BRONCKART, 1999 [1997], p. 31). Contrariamente a outras, a espécie humana desenvolveu a capacidade de organizar as atividades coletivas de forma mais complexa. Esse fato gerou a necessidade da emergência de atividades de linguagem, ou seja, produções verbais que garantissem a regulação, cooperação e transmissão dos acordos coletivos (Ibidem, p. 32-33).

Para acentuar a sua construção teórica do papel da linguagem no desenvolvimento humano, Bronckart (Ibidem, p. 32-34) recorre à teoria do agir comunicativo de Habermas, filósofo alemão identificado, em um primeiro momento, com a Escola de Frankfurt, mas que dela se afastou posteriormente ao propor uma razão calcada na intersubjetividade de sujeitos capazes de ações mediadas pela linguagem. Tal referência teórica não aparece em FdD.

É na filosofia de Habermas que Bronckart (idem) encontra uma noção importante para a sua conceituação de “contexto de produção”: os mundos representados. Trata-se de representações pertinentes sobre os parâmetros do ambiente (conhecimentos coletivos acumulados constitutivos de um *mundo objetivo*), sobre as modalidades convencionais

de cooperação entre membros dos grupos (conhecimentos coletivos acumulados constitutivos de um *mundo social*) e características próprias de cada indivíduo engajado na tarefa (conhecimentos coletivos acumulados constitutivos de um *mundo subjetivo*).

Operando com o conceito de mundos representados, Bronckart (Ibidem, p. 38-39) busca desenvolver o raciocínio de que essas representações têm origem em um organismo consciente de seu fazer e de suas capacidades de fazer, tornando-se assim um “agente”. O pesquisador almeja justificar a ideia de que a atividade de linguagem também pode ser tomada do ponto de vista individual, como uma “ação de linguagem”, imputável a um agente e materializada empiricamente no texto singular (idem).

Assim, revisando os trabalhos de Filosofia analítica, Semântica da ação (Anscombe, von Wright, Ricouer) e na Pragmática (Jürgen Habermas), Bronckart (Ibidem, p. 39-42) se preocupa em delimitar as motivações, intenções e causas que levam um agente à ação, bem como sua responsabilização. Novamente, é em Habermas que Bronckart aprofunda essa reflexão. Segundo o autor (Ibidem, p. 42), os mundos representados, embora historicamente constituídos, constituem-se sincronicamente como “sistemas de coordenadas formais” a partir dos quais se exerce um controle da atividade humana. No quadro dessas coordenadas, os agentes particulares avaliam sua participação na atividade que passa a ser mediada pelo agir comunicativo. Conclui o autor:

É por meio desse processo de avaliação social e verbal das modalidades de participação de um ser humano particular na atividade, à luz dos construtos coletivos que constituem os mundos, que as ações são – de fato – delimitadas em seu estatuto externo, isto é, como *porções da atividade social imputáveis a um organismo humano particular*. (Ibidem, p. 43, grifo do autor).

O agente da ação de linguagem, portanto, pode ser responsabilizado tanto do ponto de vista externo (como ser humano particular) quanto do ponto de vista interno (como um falante dotado de uma representação sobre si, responsável pelo seu dizer).

Ancorado nesse raciocínio, Bronckart (Ibidem, p. 46-48) formula a noção de “contexto”. No processo de semiotização requerido pela ação de linguagem, são referenciados os conhecimentos adquiridos, sociais e subjetivos, que o agente possui acerca da interação da qual participa. As representações pessoais referentes às normas sociais constituem o primeiro aspecto, “sociosubjetivo”, do contexto da ação de linguagem. O segundo aspecto diz respeito às representações pessoais do agente referentes ao ato material, físico, isto é, inscrito nas coordenadas do espaço-tempo. O contexto sociosubjetivo e o contexto físico são descritos com detalhes no Capítulo 3 da primeira parte do livro.

Nesse capítulo, em primeiro lugar, define-se o significado da expressão “situação de ação”, explicando que se trata de uma ideia geral para designar as propriedades dos mundos formais (físico, social e subjetivo) que podem exercer influência sobre a produção textual (Ibidem, p. 92). Conforme explica Bronckart (idem), para produzir um texto, o agente deve avaliar a situação de ação e mobilizar algumas de suas representações sobre os três mundos requeridas como contexto da produção textual. O “contexto de produção” é definido, assim, “como o conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado.” (Ibidem, p. 93).

Os parâmetros do mundo físico são: i) *lugar de produção*: o lugar físico em que o texto é produzido; ii) *momento de produção*: a extensão do tempo durante a qual o texto é produzido; iii) *emissor*: a pessoa (ou a máquina) que produz fisicamente o texto, podendo essa produção ser efetuada na modalidade oral e escrita; iv) *receptor*: a(s) pessoa(s) que pode(m) perceber (ou receber) concretamente o texto (Ibidem, p. 93).

Já os parâmetros do mundo social são: i) *o lugar social*: o quadro de uma formação social, em que modo de interação o texto é produzido: escola, família, mídia, exército, interação comercial, interação informal, etc.; ii) *posição social do emissor (enunciador)*: o papel social que o emissor desempenha na interação e sua posição hierárquica; iii) *posição social do receptor (destinatário)*: o papel social que o receptor desempenha na interação e sua posição hierárquica; iv) *objetivo(s) da interação*: ponto de vista do enunciador, o efeito(s) que o texto pode produzir no destinatário (Ibidem, p. 94).

A base teórica do conceito de “contexto de produção” do ISD

Em nossas análises das exposições teóricas sobre o conceito de “contexto de produção” nas duas obras do ISD, salientamos a influência da filosofia da linguagem de Habermas nessa conceituação, sobretudo em ATD. O filósofo alemão foi um grande estudioso do marxismo, sobre o qual propôs, inclusive, uma leitura revisionista, especialmente em *Para a reconstrução do Materialismo Histórico*, de 1976.

Para o filósofo alemão, a teoria marxista do materialismo histórico era insuficiente para explicar a dinâmica e a complexidade das sociedades contemporâneas. (HABERMAS, 1983 [1976]). A revisão de Habermas se inicia com a interpretação da ideia de “trabalho socialmente organizado”, que é a forma específica pela qual o homem, diferentemente dos animais, reproduz sua vida em interação com o ambiente. A interação do indivíduo com o ambiente produz um *agir instrumental*, ou seja, o homem se vale dos recursos naturais para criar instrumentos e garantir a sobrevivência (alimentar-se, defender-se, etc.) (Ibidem, p. 112-113). Para sobreviver, os homens necessitam fazer acordos coletivos entre si acerca da finalidade do uso racional dos instrumentos, para que a produção pelo trabalho seja possível. Em outras palavras, foi necessária uma cooperação entre os homens sobre as *regras do agir estratégico* do uso das ferramentas de trabalho para

a produção (idem). Esse agir, para o filósofo, não é suficiente para explicar o trabalho socialmente organizado tal como desenvolveu Marx, pois, uma vez obtida a produção, os indivíduos devem estabelecer novos acordos coletivos, agora sobre a repartição da produção entre si, segundo os interesses de cada um. Para isso, o agir estratégico não é suficiente, sendo necessário, assim, um *agir comunicativo* (idem).

Segundo Habermas (1990 [1988], p. 70), o uso instrumental da linguagem pressupõe *ações estratégicas* que têm em vista fins e dependem de uma racionalidade cognitivo-instrumental, com sua capacidade de manipular informações e adaptar-se a situações de forma eficaz. Já o uso comunicativo pressupõe *ações comunicativas* que integram, normatizam, socializam e de fato visam ao consenso. De acordo com Jürgen Habermas, Marx teria enfatizado o agir estratégico ao pensar a construção do sujeito a partir do trabalho, das forças produtivas, minimizando o desenvolvimento do “eu”. Por isso, Habermas (1987 [1968]) propõe que a identidade do sujeito, a autoconsciência, seja concebida como resultante de ambos os processos: do trabalho e da luta pelo reconhecimento pessoal. Habermas (1990 [1988]) propõe como alternativa a uma ideologia da técnica a atenção às relações interpessoais e às relações simbolicamente mediadas em contraposição à ação instrumental.

Em Habermas, a contradição da produção socializada para fins particulares (não coletivos) assume diretamente uma forma de nova política, mas não a da luta de classes – como apontou Marx e foi assimilado por Volóchinov e Medviédev em suas exposições teóricas – pois, em políticas do capitalismo avançado, os termos do acordo de classes sociais podem ser diluídos por interferência do mercado e do Estado. Para Habermas (2002, p. 72):

[...] as condições históricas do capitalismo atual se diferenciam das analisadas por Marx, não existindo mais um grupo social ou classe que possa ser tomado como representante de um interesse geral reprimido, revelando-se, assim, a perda do destinatário empírico da teoria marxista – o proletariado – e a perda da autoconfiança revolucionária.

Na citação acima, evidencia-se o revisionismo da ideia de luta de classes sociais e, logo, de uma ideologia de classe como ação política. O interesse se desloca para a compreensão da identidade do “Eu” através do agir comunicativo, na medida em que o sujeito identifica a si mesmo dentro de uma comunidade de sujeitos os quais reconhecem tal identificação mutuamente. Sobre isso:

Na identidade do Eu se expressa a relação paradoxal pela qual o Eu, como pessoa em geral, é igual a todas as outras pessoas, ao passo que – enquanto indivíduo – é diverso de todos os demais indivíduos. Por isso, a identidade do Eu se configura na capacidade que tem o adulto de construir, em situações conflitivas, novas

identidades, harmonizando-as com identidades anteriores agora superadas, com a finalidade de organizar – numa biografia peculiar – a si mesmo e às próprias interações, sob a direção de princípios e modos de procedimentos universais. (HABERMAS, 1983 [1976], p. 70).

Em comparação, no contexto russo revolucionário vivido por Volóchinov e Medviédev e no qual desenvolveram seus raciocínios teóricos, não havia espaço para a formulação de uma teoria da “identidade do Eu” do sujeito, da ação individual, e nem seria o objetivo, já que, para os dois estudiosos marxistas da linguagem, a ideologia é formada pelas significações compartilhadas pelos grupos sociais, as quais os definem enquanto classe.

Pensando no ISD, a noção de “agente” responsável pela “ação de linguagem” está sedimentada no agir comunicativo de Habermas (BRONCKART, 1999 [1997], p. 38-39). O “contexto de produção”, nessa direção, advém da avaliação de um agente particular acerca da interação sobre a qual participará. No ISD, particularmente em ATD, não há um correspondente conceitual para “meio ideológico”. Como definiu Medviédev (2012 [1928], p. 56-57), “O meio ideológico é a consciência social de uma dada coletividade [...] a consciência individual só pode tornar-se uma consciência quando é realizada através das formas presentes no meio ideológico [...]”.

Entretanto, em FdD, obra na qual Bronckart *et al.* não trazem a marca habermasiana, o “lugar social” do contexto de produção é definido da seguinte forma:

Definimos o lugar social como a “zona de cooperação” na qual se desenvolve a atividade humana específica à qual se articula a atividade linguageira; trata-se, portanto, de um conceito muito geral, abrangendo, nomeadamente, os diferentes tipos de instituições e de *aparelhos ideológicos da sociedade*, mas também outras zonas de exercício das práticas quotidianas. (BRONCKART *et al.*, 1985, p. 33, tradução e grifo nossos⁷).

Como depreendemos da citação acima, um dos atributos do “contexto de produção”, segundo Bronckart *et al.*, é a análise dos aparelhos ideológicos da sociedade, que não é verificada explicitamente na definição de “lugar social” em ATD. É possível pensar que, por meio desse aspecto conceitual, seja possível discutir o “contexto de produção” do ISD em relação à noção de “meio ideológico”. O aprofundamento da noção de “ideologia” no ISD seria *sine qua non* para isso. Importante ressaltar que a obra *Marxismo e filosofia da linguagem* de Volóchinov é referenciada em FdD.

7 No original: “Nous avons défini le lieu social comme la ‘zone de coopération’ dans laquelle se déroule l’activité humaine spécifique à laquelle s’articule l’activité langagière; il s’agit donc d’un concept très général, couvrant notamment les différents types d’institutions et d’appareils idéologiques de la société, mais aussi d’autres zones d’exercice des pratiques quotidiennes.”

O “contexto de produção” do ISD se aproxima do que Volóchinov (2019b [1930], p. 282-286) nomeou de “situação”, na qual são analisados os aspectos concretos da interação, como espaço e tempo do acontecimento do enunciado (o “onde” e o “quando”) em que os enunciados foram produzidos, a interrelação socio-hierárquica que existe entre os interlocutores (auditório) e o objeto ou tema do enunciado (“sobre o quê” se fala). A “situação” compõe o que o intelectual russo designou por “parte extraverbal” do enunciado. Similarmente, em FdD, Bronckart *et al.* (Ibidem, p. 26-27) nomearam de “extralinguagem” todas as entidades mundanas alocadas fora da língua, referenciais ou contextuais (contexto físico e sociossubjetivo), as quais são articuladas às atividades de linguagem. Assim, há uma possível correspondência entre essas noções. Contudo, para uma análise textual/discursiva ideológica no ISD, à luz de Volóchinov e Medviédev, necessitar-se-ia de um investimento teórico sobre o conceito de “ideologia”.

Considerações finais

Este artigo objetivou analisar as bases do conceito de “contexto de produção” na teoria do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) a lume dos trabalhos de Valentin Volóchinov e Pável Medviédev, duas referências nesse quadro teórico. Evidenciamos que a concepção de “ideologia” para esses intelectuais russos contém uma valoração marcada pela ideia de “luta de classes”, advinda do marxismo tal como desenvolvido em solo russo. Nesse sentido, o “meio ideológico” é o espaço da luta de classes pelo viés do signo ideológico. Por sua vez, o “contexto de produção” no ISD é baseado na teoria do agir comunicativo de Jürgen Habermas, oriunda de uma reflexão crítica desse filósofo acerca do marxismo e da ideia de ideologia como “luta de classes”. Buscamos evidenciar que não há no ISD um correspondente analítico ao conceito de “meio ideológico”, porém há uma abertura, sobretudo em FdD, para uma discussão acerca da concepção de “ideologia”.

As problematizações que propusemos do conceito de “contexto de produção” do ISD apontam para discussões auspiciosas em futuras investigações no escopo da teoria, pois mostramos que o conceito analisado guarda um potencial exploratório tanto do ponto de vista teórico, como também analítico e para fins didáticos. Neste artigo, foi somente possível uma abordagem exploratória a qual devemos adjetivar de “inicial” sobre o conceito de “contexto de produção”, posto que essa noção é enfeixada em discussões no campo filosófico, como mostramos.

REFERÊNCIAS

BOTA, C. Apports méthodologiques de V. Volóchinov. In: SÉRIOT, P.; FRIEDRICH, J. (org.). Langage et pensée: Union soviétique années 1920-1930. *Cahiers de l'ILSL*, v. 24, p. 29-42, 2008.

BRONCKART, J-P. *et al. Le fonctionnement des discours: un modèle psychologique et une méthode d'analyse*. Neuchâtel: Delachaux & Niestlé, 1985.

BRONCKART, J-P. El discurso como acción. Por un nuevo paradigma psicolingüístico. *In: Anuario de psicología*, 1992, n. 54, p. 3-48, 1992.

BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um Interacionismo Sociodiscursivo*. 2. ed. Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 1999.

BRONCKART, J.-P. Le langage au coeur du fonctionnement humain. Un essai d'intégration des apports de Voloshinov, Vygotski et Saussure. *Estudos Linguísticos*, Lisboa: Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, n. 3, p. 31-62, 2009.

BUENO, L.; LOPES, M. A. P. T.; CRISTOVÃO, V. L. L. (org.). *Gêneros textuais e formação inicial*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

COSTA, L. R. *A questão da ideologia no Círculo de Bakhtin e os embates no discurso de divulgação científica da revista Ciência Hoje*. Cotia: Ateliê/Fapesp, 2017.

CRISTOVÃO, V. L. L. Para uma expansão do conceito de capacidades de linguagem. *In: BUENO, L.; LOPES, M. A. P. T.; CRISTOVÃO, V. L. L. (org.). Gêneros textuais e formação inicial*. Campinas: Mercado de Letras, 2013, p. 85-108.

DIJK, T. A. van. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2020.

FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

GRILLO, S. V. de C; AMÉRICO, E. V. Valentín Nikoláievitch Volóchinov: detalhes da vida e da obra encontrados em arquivos. *ALFA: Revista de linguística*, v. 61, p. 255-281, 2017.

GUIMARÃES, E. O papel do contexto no processo de constituição do texto. *In: AQUINO, Z. G. O. de; BENTO, E. J.; OLIVEIRA, A. D. de; OLIVEIRA, M. A. de; PONTES, V.; SANTOS, T. J. F. (org.). Linguagem, Estratégia e (Re)Construção*. São Paulo: Editora Paulistana, 2014.

GUIMARÃES, A. M. de M.; MACHADO, A. R.; COUTINHO, A. *O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

HABERMAS, J. *Para a reconstrução do materialismo histórico*. Tradução Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

HABERMAS, J. *Técnica e ciência como "ideologia"*. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1987.

HABERMAS, J. *Pensamento pós-metafísico: Estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

HABERMAS, J. *A crise de legitimação do capitalismo tardio*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

LÊNIN, V. I. Como enganar o povo com as palavras de ordem da liberdade e da igualdade. In: LÊNIN, V. I. *Democracia e luta de classes*. Tradução Edições Avante! e Paula Vaz de Almeida. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 25-61.

MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

SÉRIOT, P. Préface. Volóchinov, la philosophie de l'enthymème et la double nature du signe. In: VOLÓCHINOV, V. *Marxisme et philosophie du langage*. Les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage. Nouvelle édition bilingue. Tradução Patrick Sériot e Inna Tylkowski-Ageeva. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2010.

TCHOUGOUNNIKOV, S. O círculo de Bakhtin e o marxismo soviético: uma "aliança ambivalente". *Revista Conexão Letras*, v. 3, n. 3, 2008.

TYLKOWSKI, I. *Volóchinov en contexte*. Essai d'épistémologie historique. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2012.

VASCONCELOS, L. O contexto de agir da linguagem. In: GUIMARÃES, A. M. de M.; MACHADO, A. R.; COUTINHO, A. (org.). *O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 167-176.

VOLOŠINOV, V. N. *Marxisme et philosophie du langage: Les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage*. Tradução Patrick Sériot e Inna Tylkowski-Ageeva. Limoges: Lambert Lucas, 2010.

VOLÓCHINOV, V. N. A palavra na vida e a palavra na poesia: por um poética sociológica (1926). In: VOLÓCHINOV, V. N. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo Ekaterina. São Paulo: Editora 34, 2019a. p. 109-146.

VOLÓCHINOV, V. N. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado (1930). In: VOLÓCHINOV, V. N. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2019b. p. 266-305.

VOLÓCHINOV, V. N. Estilística do discurso literário III: A palavra e sua função social (1930). In: VOLÓCHINOV, V. N. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2019c. p. 306-336.